



doi: 10.20396/rfe.v13i1.8661847

## **Perspectivas didáticas do ensino remoto de Filosofia: um olhar sobre o curso do Centro de Mídias da Educação de São Paulo**

Didactic perspectives on Philosophy distance education: a look at the Center of Mídias SP

*Natália Yoko Iha<sup>1</sup>*

### **Resumo:**

Este artigo procura fornecer uma reflexão inicial sobre as perspectivas didáticas do curso remoto de Filosofia do Centro de Mídias SP a partir da análise de sua metodologia e proposta filosófica. Além da disponibilização de ensino remoto emergencial no nível básico durante a pandemia de COVID-19, os cursos do CMSP visam a capacitação do(a)s docentes da rede para o uso do material didático do SP Faz Escola. O estudo incluiu a identificação de estratégias utilizadas em aula que integram o quadro referencial sobre docência e didática em Filosofia no Brasil, bem como das dificuldades observadas, e, quando possível, buscou apontar alternativas que atendam aos propósitos do curso em tela.

**Palavras-chave:** Filosofia. Centro de Mídias SP. Ensino Remoto Emergencial.

### **Abstract:**

This article aims to provide initial considerations on the didactic perspectives of the remote Philosophy course offered by the Centro de Mídias SP through an analysis of its methodology and philosophical proposition. Besides providing emergency remote teaching at the basic level during the COVID-19 pandemic, the CMSP courses aim at training public school teachers for the use of the SP Faz Escola textbook. The study includes identifying the strategies employed in class which belong to the referential framework of Philosophy teaching practice and didactic in Brazil, as well as difficulties observed, and, where possible, looks for alternatives that may respond to the aims of the course.

**Keywords:** Philosophy. Centro de Mídias SP. Emergency Remote Teaching.

---

<sup>1</sup> Bacharela em Direito e em Filosofia pela Universidade de São Paulo, atualmente cursa Licenciatura em Filosofia pela mesma instituição.

## Introdução

Tendo em vista a situação da pandemia de COVID-19 e a vigência das medidas de distanciamento social, as escolas da rede do Estado de São Paulo passaram a adotar um regime de transmissão de cursos remotos a partir de 22 de abril de 2020, cessando suas atividades presenciais. Além de São Paulo, Secretarias da Educação de outros Estados – como as do Ceará, Maranhão e Paraná – seguiram esse modo de funcionamento, de sorte que o corpo discente e docente, funcionários e estagiários das instituições de ensino básico tiveram de se adaptar subitamente a um contexto escolar não presencial.

À primeira vista, a adoção de cursos remotos na educação básica pode nos aparecer como uma experiência fadada ao fracasso, em especial no que diz respeito à disciplina da Filosofia: quando se vislumbra a ausência de diálogo e de contato presenciais, de que modo se poderia viabilizar de fato um processo de aprendizagem, o relacionamento entre aluno(a) e professor(a), o acompanhamento próximo das leituras filosóficas e das inquições destas surgidas? – há uma miríade de fatores concorrendo para a impossibilidade de qualquer experiência satisfatória.

Não obstante, faz-se necessário refletirmos sobre a natureza e as características da experiência escolar a distância que se tornou o cotidiano de milhares de estudantes do país.<sup>2</sup> Assim, o presente artigo propõe uma investigação inicial sobre as perspectivas didáticas do ensino remoto de Filosofia a partir da observação do curso de apoio à aprendizagem do(a)s estudantes e à formação do(a)s professores(as) da rede disponibilizado pelo

---

<sup>2</sup> E, considerando que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394/1996) estabelece em seu art. 80 o incentivo do Poder Público ao desenvolvimento e à veiculação de programas de ensino a distância em todos os níveis, é possível antever para um futuro próximo a sua implementação permanente no nível básico, talvez como complemento quando do retorno às atividades presenciais, na modalidade de ensino híbrido. Nesse sentido, cf. projeto “Menu de Conteúdos Integrados” do CMSP, disponível em: <<https://centrodemidiasp.educacao.sp.gov.br/conteudos-integrados>>.

Centro de Mídias da Educação de São Paulo (CMSP) da SEDUC-SP,<sup>3</sup> mais especificamente, das aulas transmitidas entre maio a agosto de 2020.<sup>4</sup> Como base teórica, serão referidos textos e autores que tratam sobre docência e didática em Filosofia no Brasil, como Franklin Leopoldo e Silva, Renata Aspis, Silvio Gallo, Mario Porta e Celso Favaretto, os quais, embora se debruçam sobre a experiência em sala de aula presencial, constituem ponto de partida indispensável para se pensar um *percurso filosófico*, ainda que nas condições mais adversas.

Para tanto, primeiramente serão apresentados aspectos gerais dos cursos remotos do CMSP e do material didático de Filosofia utilizado durante as aulas – a saber, os Cadernos do Aluno que integram o Programa SP Faz Escola<sup>5</sup> –, de maneira a introduzir o(a) leitor(a) às condições que norteiam o trabalho do(a)s docentes e aluno(a)s, delineando-se também a inserção dos cursos em tela no quadro conceitual da educação ou ensino a distância. Em seguida, faz-se uma análise da metodologia do curso do CMSP a partir do conjunto geral das videoaulas observadas,<sup>6</sup> bem como do reporte de quatro aulas específicas, as quais ilustram de modo mais concreto as reflexões tecidas. Embora haja menção a aspectos práticos da presente situação do(a)s professores(as) da rede, trata-se de pesquisa que precipuamente busca articular o que é observado nas aulas e materiais de apoio e o referencial teórico sobre didática e docência em Filosofia, e que encontra limitações pela não aferição de registros diretos sobre a experiência que o(a)s docentes e aluno(a)s da rede têm colhido dos cursos do CMSP.

---

<sup>3</sup> A plataforma do CMSP já estava sendo desenvolvida antes do advento da pandemia, mas teve seu lançamento adiantado para abril de 2020, em resposta à suspensão das atividades escolares presenciais.

<sup>4</sup> Cabe lembrar que, com a reorganização do calendário letivo pela SEDUC, o início das atividades escolares não presenciais e dos cursos do CMSP ocorreu apenas no final de abril de 2020 e, no caso da disciplina de Filosofia, no início de maio (São Paulo, CMSP, 2020a, pp. 12-14).

<sup>5</sup> Iniciado em 2008, o projeto visa a uniformização curricular das escolas estaduais da rede mediante a implantação do Currículo Oficial do Estado de São Paulo, formatado em “documentos que constituem orientações para o trabalho do professor em sala de aula e visa garantir uma base comum de conhecimento e competências para todos os professores e alunos” (São Paulo, São Paulo Faz Escola [Site institucional], 2020).

<sup>6</sup> Os links de acesso às videoaulas mencionadas ao longo do texto estão disponíveis nas referências, especificadas por data.

Cabe mencionar que há perspectiva de que a produção e a transmissão dos cursos do CMSP terão prosseguimento mesmo após o término das medidas de distanciamento social, como forma de contribuição permanente da SEDUC-SP<sup>7</sup> – o que se mostra oportuno, tendo em vista que seu escopo é também o de formação do(a)s docentes da rede para a condução de aulas mediadas por tecnologia e, em especial, para o uso do material didático do SP Faz Escola.

Por fim, cumpre salientar que, evidentemente, a presente investigação não pretende questionar o primado da modalidade presencial na educação básica, constitutiva do período de formação e amadurecimento das crianças e adolescentes – em que seria inconcebível a substituição do contato pessoal por formas exclusivamente remotas de interatividade –, mas, sim, apontar para a importância do engajamento nessa reflexão como maneira de evitar posturas demasiado céticas que conduzam à simples inação durante situações emergenciais, ou que facilitem o aprofundamento da massificação de pedagogias mercadológicas e o sucateamento do ensino público, ante a ausência de contraponto que lhe forneça alternativas mais progressistas.

### O formato dos cursos do CMSP

Os cursos de todas as disciplinas do CMSP são transmitidos ao vivo pelo portal e aplicativos gratuitos do centro (que não consomem dados móveis), via canais da TV Cultura Educação e TV Univesp, além de canais do YouTube e Facebook. A disponibilização dos cursos em diversas plataformas online é positiva, pois facilita o seu acesso e permite a visualização das aulas em momento posterior à transmissão original. Os arquivos de slides usados nas aulas podem ser baixados no portal do CMSP.<sup>8</sup> As videoaulas tem a duração aproximada de quarenta minutos, e apresentam no canto da imagem uma pequena tela mostrando o(a) intérprete de Libras, que narra todo o conteúdo transmitido.

<sup>7</sup> Cf. Portal do CMSP, “Governo de SP lança aulas em tempo real por TV aberta e celular aos 3,5 milhões de estudantes da rede estadual.” (2020)

<sup>8</sup> Repositório de aulas e slides disponível em: <<https://repositorio.educacao.sp.gov.br/#!/inicio>>.

Durante cada encontro participam duas figuras: o(a) professor(a) do centro, que rege as aulas da disciplina, e o(a) mediador(a) do canal de comunicação online do centro (chat) – que constitui o único meio de interação entre o(a)s profissionais do CMSP e o corpo discente e docente da rede. No âmbito das escolas, o(a)s professores(as) da rede, em regime de teletrabalho, são responsáveis pelo acompanhamento do processo de aprendizagem do(a)s estudantes, supervisionando sua frequência e participação do curso do CMSP, esclarecendo dúvidas em plantões e por vezes, nestas ocasiões, realizando suas próprias atividades de regência.<sup>9</sup>

Consoante informa o “Documento Orientador - Atividades escolares não presenciais” (São Paulo, CMSP, 2020a) divulgado pela SEDUC, no ano letivo de 2020 foi mantida a exigência de cumprimento regular de:

Presença: com registro a ser realizado pelo(a) professor(a) da rede a partir da participação do(a) aluno(a) nos grupos de discussão virtual, no chat do aplicativo do CMSP ou em outras plataformas que a escola utilizar, bem como da realização de atividades e trabalhos organizados em pasta drive de armazenamento de arquivos;

Avaliações e notas: para atribuição de notas, os(a) professores(as) da rede podem optar por considerar a presença e a participação do(a)s aluno(a)s durante as aulas do CMSP, as avaliações de final de bimestre, as atividades realizadas em papel em casa, assim como o seu engajamento em ajudar o(a)s colegas no processo de aprendizagem.

Sobre a natureza dos cursos do CMSP e das formas pelas quais o ano letivo será conduzido, o referido documento descreve-as genericamente enquanto um regime diferenciado de atividades escolares não presenciais, mas esclarecendo que elas não constituem Ensino/Educação a Distância (EaD):

Vale lembrar que o Centro de Mídias oferecerá aulas mediadas por tecnologia, que significa *o uso de*

---

<sup>9</sup> Para evitar a repetição da designação “CMSP” durante a exposição da dinâmica deste curso, o(a) professor(a) do centro será referido simplesmente como “professor(a)”, enquanto que o(a)s professores(as) da rede estarão indicados com o qualificativo “da rede”.

*ferramentas que permitem aos professores estarem conectados com seus alunos/turmas sincronicamente, isto é, em horários pré-definidos, como uma sala de aula presencial.* Esta modalidade de ensino é diferente de Ensino a Distância que pressupõe necessariamente de [sic] uso de ambientes virtuais de aprendizagem, ambientação de conteúdos previamente [sic], e o ensino é assíncrono, isto é, cada aluno pode entrar em momentos diferentes. [grifos meus] (São Paulo, CMSP, 2020a, p. 20)

Segundo o Decreto n. 9.057/2017, que regulamenta o art. 80 da LDBN, a EaD é caracterizada pela separação de aluno(a) e professor(a) no espaço ou tempo, pelo uso intensivo das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na mediação dos processos de ensino-aprendizagem, bem como pelo envolvimento de pessoal qualificado, políticas de acesso e acompanhamento e avaliação compatíveis. Assim, a modalidade EaD exige o desenvolvimento de competências eletrônicas e educacionais para a integração da tecnologia ao cotidiano do(a)s professores(as), de modo que sua atuação seja pautada pelo uso de técnicas de comunicação, práticas pedagógicas e conteúdos adequados a esse suporte, e não pela simples transposição de técnicas do ensino presencial.<sup>10</sup> Ora, uma tal transposição é o que assinalaria mais proximamente o que vem ocorrendo nos cursos sob análise – fato que, de certa forma, a própria SEDUC procura comunicar ao longo do documento acima transcrito.

Se por um lado a iniciativa do CMSP guarda em seu bojo a função de “ampliar a oferta aos alunos de uma educação mediada por tecnologia, de forma inovadora, com qualidade e alinhada às demandas do século XXI” (São Paulo, CMSP, 2020b) bem como de oferecer capacitação ao(a)s

---

<sup>10</sup> Trata-se de capacitação específica que necessita de respaldo institucional, pois habilita ao reconhecimento do potencial e das limitações das TIC, mas que não tem sido devidamente proporcionada pelos cursos de formação docente nos últimos anos (Cassundé; Mendonça; Barbosa, 2017), tampouco na solução de educação básica por meios remotos implementada durante a crise sanitária, ainda que a Escola de Formação dos Profissionais da Educação do Estado de São Paulo (EFAPE) se proponha a oferecer algumas ações formativas relacionadas à metodologia de EaD e ao uso das TIC, a exemplo do curso intitulado “Ensino híbrido: Práticas de Orientação de Estudos”.

docentes para o uso do material didático do SP Faz Escola, por outro lado, a implementação de seus cursos remotos enquanto *atividade letiva regular* para o(a)s aluno(a)s da rede foi realizada como medida de caráter emergencial, cujo regime de cumprimento foi e está sendo marcado por diversos pontos de tensão.

Além da ausência de prévia formação apropriada do(a)s professores(as) da rede – que também relatam exaustão diante do sobrecarregamento de atividades educativas e burocráticas durante o ensino remoto –, a continuidade do ano letivo e a cobrança regular de frequência e tarefas em plena pandemia foi objeto de muitas críticas por parte da comunidade escolar, tendo em vista a carência de computadores e celulares com internet que muito(a)s estudantes enfrentam, restringindo o acesso à escola e/ou às possibilidades de participação nos cursos.

Em razão dessa precariedade, torna-se problemático – em geral, e não apenas em relação ao CMSP – caracterizar as atividades educacionais adotadas sob a vigência das medidas de distanciamento social no ano de 2020 como propriamente EaD, nos termos da LDBN. Em detrimento do uso desta nomenclatura, referidas soluções têm sido denominadas por alguns pesquisadores como *ensino*, *educação* ou *atividade educacional remota emergencial*, e cujo objetivo seria o de viabilizar o acesso remoto temporário a conteúdos e apoios educacionais via TV ou internet, haja vista a excepcionalidade do momento de crise sanitária, sem a pretensão de constituir um novo modelo educacional a distância – e somente se aproximando do conceito de EaD no que tange ao uso das TIC (Joye; Moreira; Rocha, 2020; Arruda, 2020). Nesse sentido, poderíamos afirmar que a experiência vivenciada pela comunidade escolar nos cursos do CMSP se configuraria como *ensino remoto emergencial*, ressalvando-se, entretanto, que ainda não há consenso na conceituação e adequação deste e de outros termos relacionados à educação mediada pelas TIC.

## O Caderno de Filosofia do SP Faz Escola

O material didático da disciplina de Filosofia<sup>11</sup> está localizado na Área de Ciências Humanas do Caderno do Aluno (São Paulo, SP Faz Escola: Caderno do Aluno, 2020), que é bimestral. Sua apresentação informa o objetivo de proporcionar experiências relacionadas a habilidades que envolvem as práticas sociais, afirmando a importância da constante interação, leitura, observação e análise por parte do(a) estudante em seu cotidiano, além do acompanhamento regular do curso em sala.

A seção dedicada à Filosofia dos Cadernos em sua reformulação de 2020 é bastante sucinta e tem cerca de nove páginas – em contraste à versão anterior do material, mais extensa. Na parte introdutória, há uma contextualização do tema a ser trabalhado durante o bimestre, convidando o(a) aluno(a) à sua reflexão sob diferentes perspectivas. A partir da proposta inicial, a seção se desdobra em tópicos mais específicos, explorando autores(as), conceitos filosóficos e formas de pensamento relacionados ao tema.

Para uma breve descrição, tomemos por base o Caderno do Aluno do 2º bimestre da 2ª série EM, cuja ideia é inaugurar uma discussão acerca dos possíveis significados de *indivíduo* trazidos pelos campos do saber da filosofia, história, biologia, sociologia, dentre outras formas de pensamento. Nele, somos apresentados a três temas:

o primeiro procura introduzir o(a) aluno(a) à teoria do indivíduo consoante o pensamento de três autores liberais – Locke, Bentham e Stuart Mill. De início, o texto apresenta condições elementares sobre como poderia ser definida a concepção de indivíduo, para então propor ao(à) aluno(a) a

---

<sup>11</sup> Com produção, organização e revisão de Erica Cristina Frau – Professora Coordenadora do Núcleo Pedagógico da Diretoria Regional de Educação Campinas Oeste, Mestra em Educação na área de Filosofia e História da Educação pela UNICAMP, – e Tânia Gonçalves – da Equipe Curricular do Centro de Ensino Médio, Coordenadoria Pedagógica (COPEL), SEDUC-SP, Doutora em Filosofia da Educação pela USP e também Professora do CMSP.

tarefa de pesquisar sobre os três filósofos, refletindo sobre uma série de perguntas relacionadas às suas ideias. Ao final, o(a) aluno(a) é instruído(a) a elaborar um episódio baseado em fatos reais ou ficcionais de sua própria vida, narrando eventos relacionados às teses utilitaristas vistas em aula ou a partir de leituras;

o segundo tema cuida da perspectiva de “tornar-se indivíduo” presente nas filosofias de Paul Ricoeur e Michel Foucault, mencionando o papel das relações sociais no desenvolvimento das subjetividades. Como no tópico anterior, após pesquisa sobre os dois autores, propõe-se que o(a) aluno(a) responda a questões sobre os temas filosóficos por eles abordados e, ao final, há uma breve explicação das ideias que embasam cada pensamento;

o terceiro tema apresenta o conceito de condutas massificadas e de alienação moral, com questionamentos sobre os fenômenos das redes sociais, dos *youtubers* e dos influenciadores digitais na formação de opiniões. Há um pequeno texto com menção a conceitos de Adorno e Horkheimer. Ao final, propõe-se a atividade de produzir um registro com relatos, fotos ou filmagem sobre os padrões de beleza ditados pelas mídias sociais, analisando os aspectos positivos e negativos da busca por tais ideais.

Afastando-se de um modelo de exposição “enciclopédica”, observamos que a ênfase demonstrada pelo texto didático consiste em fornecer elementos para que o(a) aluno(a) proceda a uma indagação crítica sobre as diversas questões que derivam do tema proposto, e em fomentar a prática de considerarmos todos os fatos e discursos presentes na vida cotidiana à luz de conceitos filosóficos –, refletindo o título “Filosofia e vida” que introduz o material.

Cabe observar que a proposição de conteúdos do Caderno de Filosofia do SP Faz Escola – e, por consequência, das aulas do CMSP – está em conformidade com o desenvolvimento das habilidades e competências dispostas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), Parâmetros Curriculares Nacionais + (PCN +) e Currículo Paulista da Etapa do Ensino

Médio. Conforme será visto, as principais competências e habilidades visadas nos cursos do CMSP são, nos termos dos PCN:

debater, tomando uma posição, defendendo-a argumentativamente e mudando de posição face a argumentos mais consistentes;

articular conhecimentos filosóficos e diferentes conteúdos e modos discursivos nas Ciências Naturais e Humanas, nas Artes e em outras produções culturais; e

contextualizar conhecimentos filosóficos, tanto no plano de sua origem específica, quanto em outros planos: o pessoal-biográfico; o entorno sócio-político, histórico e cultural; o horizonte da sociedade científico-tecnológica. (Brasil, 1998)

### O curso remoto de Filosofia do CMSP

Os cursos de Filosofia do CMSP das três séries do Ensino Médio são ministrados em revezamento pelo(a)s professores(as) Maria Fernanda Degan, Marconi Cabral e Tânia Gonçalves (uma das autoras do Caderno de Filosofia do SP Faz Escola). Foram observadas 32 aulas remotas desta disciplina – das quais onze aulas do curso da 1ª série, onze da 2ª série e dez da 3ª série – transmitidas entre os dias 4 de maio e 6 de agosto de 2020. O conteúdo dessas aulas corresponde à matéria constante nos Cadernos do 1º e 2º bimestres do ano letivo, por vezes se estendendo até o 3º bimestre.

Na aula inaugural da 1ª série EM (06/05), a professora Tânia Gonçalves informa que este curso foi pensado como complemento às aulas regulares do(a)s professores(as) da rede – e não substituto –, ao trazer mais informações e situações que possam auxiliar o(a) aluno(a) no desenvolvimento das habilidades analíticas e reflexivas sobre os temas filosóficos tratados. De modo geral, podemos traçar os seguintes aspectos que compõem o formato e a dinâmica do curso:

No início de cada aula, é apresentado slide listando as habilidades e conteúdos a serem trabalhados no dia;

Conforme já mencionado, as aulas contam com a presença de um(a) professor(a) e um(a) mediador(a). Ambos(as) são docentes do CMSP, revezando-se nestes papéis ao longo do bimestre;

Ainda que se considere que os cursos do CMSP melhor se caracterizariam como ensino remoto emergencial, seria possível afirmar que, na medida do possível, o(a)s professores(as) da rede realizam um trabalho próximo ao de tutoria existente na EaD,<sup>12</sup> isto é, acompanhando o processo de aprendizagem do(a)s estudantes estabelecido a partir das aulas do(a)s professores(as) do CMSP, o(a)s quais não mantêm contato com a comunidade escolar para além das interações no chat. Segundo os Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância do MEC (Brasil, 2007), dentre as principais atribuições do(a) tutor(a) estão o esclarecimento de dúvidas, a promoção de espaços de construção coletiva de conhecimento, a seleção de material de apoio aos conteúdos, e a participação nas avaliações – tarefas que, no regime remoto ora em funcionamento, estão sendo desempenhadas pelos profissionais das unidades escolares, conforme resolução da SEDUC-SP;<sup>13</sup>

O chat é disponibilizado pelo aplicativo no momento em que a aula está sendo transmitida ao vivo, e permite a participação do(a)s estudantes e professores(as) da rede. As interações do chat não podem ser visualizadas pelo público geral;

A condução das aulas está bem alinhada aos conteúdos do Caderno do Aluno: em um primeiro momento o(a) professor faz uma contextualização do assunto escolhido, para então adentrar e aprofundar a questão filosófica envolvida segundo o pensamento do(a)s autores(as) referido(a)s no material;

Tendo em vista que o material base do curso é bastante sintético, o(a) professor(a) faz uso de diversas referências bibliográficas

---

<sup>12</sup> Além das próprias atividades de regência em plantões de dúvidas e em atividades complementares às aulas do CMSP.

<sup>13</sup> Cf. Art. 4º da Resolução SEDUC nº 53, de 19-6-2020: “São atribuições das Unidades Escolares: I - apoiar a aprendizagem dos estudantes com atividades escolares não presenciais na modalidade semipresencial, utilizando os recursos do Centro de Mídias da Educação de São Paulo, entre outros; [...] III - fazer a busca ativa dos estudantes que não estiverem participando das atividades escolares a distância, entrando em contato com eles e suas famílias, utilizando os diversos meios de comunicação disponíveis; IV - fazer a gestão dos grupos de turma nos aplicativos do Centro de Mídias, promovendo um ambiente virtual de aprendizagem colaborativo, e mediar todos os canais de comunicação utilizados pela escola, intervindo em situações de conflito, uso de vocabulário desrespeitoso e cyberbullying; [...]”.

complementares, que podem constituir-se de excertos de obras canônicas, escritos filosóficos contemporâneos, livros didáticos (por vezes indicados no PNLD), obras de arte, obras literárias, notícias, vídeos, dentre outros;

Há breves momentos de leituras de textos nos slides, visando introduzir ou interligar conceitos e ideias afins ao tema discutido;

Durante a aula, há sugestão de atividades de pesquisa, reflexão e exercícios, com pausas de poucos minutos para que o(a)s aluno(a)s as realizem. Ao final cada atividade, o(a) mediador(a) seleciona e reporta alguns comentários e respostas enviados no chat;

O(a) mediador(a) exerce papel relevante na condução das atividades, pois está em constante diálogo com o(a) professor(a) do centro, trazendo novas questões, comentando o que é dito em aula, além de realizar a moderação do chat;

Uma das principais dificuldades apontadas pelo(a) professor(a) foi o tempo de aula escasso, que determina que as exposições e atividades sejam conduzidas de maneira apressada;

Ao final de cada aula, é possível avaliá-la mediante o preenchimento de formulário online. Isso pode ser feito pelo(a) aluno(a), professor(a) da rede ou qualquer pessoa com acesso ao documento;<sup>14</sup>

Cabe ainda mencionar o fato de o(a) professor(a) sempre enfatizar o caráter não obrigatório das atividades propostas em aula, em consideração à agenda própria de tarefas e avaliações do(a)s aluno(a)s e professores(as) da rede. Também se procura afirmar o compromisso do CMSP em respeitar a liberdade de cátedra do(a)s professores(as) da rede no que tange aos conteúdos tratados em aula, talvez guardando em mente as críticas que relacionam o Programa SP Faz Escola a restrições à autonomia do(a) docente da rede.

Tendo em vista a dinâmica geral do curso acima apresentada, segue relato em detalhe de quatro aulas das três séries do Ensino Médio:

---

<sup>14</sup> Formulário disponível em: <<https://bit.ly/3fVYJWs>>.

1) Título da aula: “21/05 - 1ª série EM - Filosofia - A Atitude Filosófica”, ministrada por Tânia Gonçalves, com mediação de Marconi Cabral

Habilidade da aula: reconhecer a importância do uso de diferentes linguagens para elaborar o pensamento e a expressão em processos reflexivos.

Primeiramente, a professora anuncia a competência que sua aula procurará auxiliar a desenvolver, e apresenta um slide com imagens de diferentes tipos de espelhos. Explorando seus possíveis significados – de reflexo, reflexão, contemplação de perspectivas –, ela pergunta aos(as) aluno(a)s qual o fenômeno permitiria a visão de uma imagem no espelho, concedendo um minuto para a realização da atividade. Faz-se menção à interdisciplinaridade da questão, afeita ao curso de física. A professora informa que a resposta é a luz – que, na história da filosofia, sempre é aludida como metáfora para a razão, relacionada à ideia de clareza e distinção de Descartes. Aduz que as figuras dos espelhos/reflexos podem ser vistas como uma imagem da Filosofia, a qual é caracterizada por refletir sobre o próprio pensamento a partir da razão (luz). Menciona os mitos de Adão e Eva e da caixa de Pandora, envolvendo a questão da curiosidade, característica da atitude filosófica, e que é acompanhada pelo anseio de pesquisar e de conhecer. Então, apresenta slide contendo os conceitos de “reflexão empática” e de “reflexão crítica”, oferecendo exemplos hipotéticos de cada tipo de reflexão, e depois slide contendo características da atitude reflexiva – radical, rigorosa e contextualizada.

A seguir, há atividade de revisão, em que a professora lança três questões de múltipla escolha para que o(a)s aluno(a)s discutam no chat, retomando o que foi visto nesta e em aulas anteriores durante o ano. Depois de transcorrido o tempo de resolução de cada questão, o mediador relata algumas respostas recebidas e a professora comenta as assertivas. Ela enfatiza a importância da leitura analítica do texto filosófico, usando a analogia de que esta funcionaria como um diálogo com o texto, constituindo momento de verificação e debate dos argumentos.

2) Título da aula: “18/06 - 1ª série EM - Filosofia - Formas de conhecimento: mito, ciência e religião”, ministrada por Marconi Cabral, com mediação de Márcia Janini (professora de artes)

Conteúdo: a filosofia e outras formas de conhecimento – mito, cultura, religião, arte e ciência.

Habilidade da aula: criticar a concepção de conhecimento científico como verdade absoluta.

Ao iniciar a aula, o professor propõe atividade de problematização do tema para que se examine o quanto ele está presente em nosso cotidiano, consistindo em três perguntas sobre as percepções do(a) aluno(a) acerca das ideias de mito, ciência e religiosidade, a serem respondidas no chat. Ele apresenta em slide uma definição de Filosofia proposta por Marilena Chaui, enfatizando a fundamentação como elemento essencial do conhecimento e da práxis. Para exemplificar, narra estória sobre certa experiência com macacos que demonstraria como comportamentos aprendidos podem se tornar naturalizados quando não nos questionamos sobre eles. O professor afirma o valor da postura filosófica, que diferencia informação (“o que”), conhecimento (“porquê”) e sabedoria (“o que fazer”).

A seguir, introduz a etimologia da palavra “mito” – relacionada à ideia de narrativa, e não de mentira como afirmaria o senso comum –, suas características e alguns exemplos de mitologia grega. No segundo momento de atividade, o professor pede para que o(a)s aluno(a)s escrevam no chat quais das frases dispostas em tela dialogam com a definição de Filosofia proposta. Após a mediadora reportar algumas respostas, o professor comenta as frases, retomando o conceito de postura filosófica.

Ele realiza uma contextualização do lugar da ciência, relacionando-a ao momento de pandemia em que vivemos, e cita autores da Filosofia da Ciência – Thomas Kuhn, Karl Popper, Feyerabend –, explicando rapidamente alguns conceitos-chave, a serem aprofundados pelo(a) professor(a) da rede, caso este(a) deseje. Sobre a religião, apresenta a etimologia da palavra, suas características e perspectivas, aspectos

“positivos” e “negativos”. Na terceira atividade, há cinco afirmações para que o(a) aluno(a) julgue como verdadeiras ou falsas. Depois do resumo das respostas feito pela mediadora, o professor explana os motivos que tornam algumas das assertivas falsas, ressaltando que tal gabarito é também passível de crítica, podendo ser discutido com o(a) docente da rede.

A mediadora é convidada pelo professor a fazer considerações sobre os conceitos de sagrado e profano por ele mencionados anteriormente. Ela, que é professora do curso de artes, faz referências à arte sacra não católica (à qual é comumente relacionada), como as presentes nas obras de Lasar Segall (judaísmo) e de Rubem Valentim (mitologia africana). Ao final, o professor propõe sugestões (com ênfase no caráter não obrigatório) de atividades para o(a)s professores(as) da rede aplicarem como forma de avaliação do(a)s aluno(a)s, sendo uma delas composta de questões dissertativas sobre um texto de José de Souza Martins, presente no Caderno de Filosofia do 2º bimestre. Por último, sugere atividade de avaliação pessoal contendo quatro perguntas a serem respondidas pelo(a) aluno(a), conforme a sua percepção.

3) Título da aula: “06/08 - 2ª série EM - Filosofia - Dignidade e reconhecimento”, ministrada por Marconi Cabral, com mediação de Maria Fernanda Degan

Conteúdo: Filosofia, Política e Ética – humilhação, velhice e racismo.

Habilidade da aula: Identificar e criticar práticas de humilhação social.

De início, a mediadora enuncia o conteúdo, a habilidade e a primeira sugestão de atividade, que é uma pesquisa sobre os conceitos relacionados aos temas da aula – humilhação, discriminação, preconceito, alteridade, empatia e invisibilidade social. Em seguida, exibe em tela uma pergunta – o que o(a) aluno(a) entende por humilhação social? – para ser comentada no chat. Depois de esgotado o tempo de reflexão, a mediadora elenca algumas respostas e emenda outra questão – quais situações de humilhação social o(a) aluno(a) julga já ter vivido ou presenciado? Nos comentários reportados, o(a)s aluno(a)s mencionam exemplos de situações

discriminatórias, desde experiências pessoais até o caso de George Floyd nos EUA. O professor afirma que se sensibiliza muito com as respostas recebidas – por vezes relatando bullying, ridicularização e outras formas de humilhação –, e atenta para a relevância de se discutir esse tema em seus diversos aspectos, tão presentes na realidade escolar e do(a)s aluno(a)s.

Ele apresenta o conceito de humilhação social de José Moura Gonçalves Filho, relacionado à desigualdade de classes para além da dimensão psicológica. Ele problematiza esse tipo de humilhação social, introduzindo conceitos como os de alteridade, de minorias sociais e de políticas públicas voltadas a estas. Cita exemplos de usos da linguagem que podem ser considerados discriminatórios, e distingue as noções de preconceito e de discriminação.

Em atividade denominada “sondagem”, propõe-se a reflexão sobre três questões: quais as formas de discriminação existentes no Brasil, quais seriam os argumentos usados para tentar justificá-las e quais as críticas para esses argumentos. Para cada questão foram concedidos 90 segundos, ao final dos quais, tanto a mediadora quanto o professor teceram considerações sobre as interações do chat. Ela comenta que o(a)s aluno(a)s ficaram animados e enviaram muitas respostas. O professor apresenta vários exemplos de preconceito e de discriminação: xenofobia, racismo, misoginia, homofobia, ageísmo e aporofobia – solicitando uma pesquisa sobre o significado dos dois últimos termos, a serem trabalhados na próxima aula.

Há nova proposta de reflexão, agora sobre os conceitos de invisibilidade social, alteridade, empatia e respeito, mencionando-se as obras de Axel Honneth e Emmanuel Levinas, e o verbete “respeito” do Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano. Sugere-se atividade de elaboração de artigo de opinião relacionando os conceitos de discriminação, políticas públicas e legislação. Por último, há rápida revisão dos tópicos tratados em aula, e mais uma atividade de reflexão pessoal.

4) Título da aula: “09/07 - 3ª série EM - Filosofia - Desigualdade: Desafio político”, ministrada por Maria Fernanda Degan, com mediação de Marconi Cabral

Conteúdo: A desigualdade entre os homens como desafio da política.

Habilidade da aula: Reconhecer o caráter insatisfatório, ingênuo e mesmo ideológico de certas explicações normalmente aceitas pelo senso comum para o problema da desigualdade.

Ao introduzir a temática – a desigualdade em seus diversos aspectos e, em especial, o seu sentido social –, a professora fala da importância de estudar e discutir os temas sob o prisma da interdisciplinaridade, não se prendendo a categorias e “gavetas”, afinal, o assunto em tela dialoga com a sociologia, a filosofia, a economia, a cultura, etc. Ela apresenta as ideias de Rousseau sobre *diferença* (relacionada à desigualdade natural) e *desigualdade social*, e pergunta a opinião do(a)s aluno(a)s sobre o fato de o Brasil ser considerado um país socialmente desigual, solicitando que as respostas sejam bem fundamentadas com argumentos – não se limitando a “sim” ou “não”, como por vezes acontece. Após dois minutos, o mediador elenca algumas das mensagens enviadas, também comentadas pela professora. É mostrado slide contendo conceitos de desigualdade social e suas formas de aferição – IDH, acesso à cultura e aos serviços básicos –, explicados pela professora, que apresenta série histórica do Índice de Gini do Brasil de 2001 a 2019, e também dados do Relatório do Desenvolvimento Humano da ONU e da concentração de renda no Brasil, a segunda maior do mundo.

Ela aduz que, a partir dessas informações de natureza técnica, seria possível estabelecer com firmeza que o Brasil é um país socialmente desigual, o que nos leva a indagar pelas razões deste fato. Então, ela pergunta novamente a opinião do(a)s aluno(a)s, agora sobre os motivos e as explicações para o fenômeno. Após o tempo de resposta, o mediador elogia a participação da 3ª série EM no chat, dizendo que ela tem sido muito madura, e comenta algumas das mensagens recebidas.

Por fim, a professora menciona o concurso da Academia de Dijon que resultou na escrita do texto “Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens” por Rousseau, e comenta passagem da obra em que se ventila a ideia de que a propriedade privada constituiria a causa para a desigualdade. Ela propõe uma “reedição” do concurso de Dijon, em que o(a) aluno(a) do curso do CMSP é chamado a escrever seu próprio discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens.

### Perspectivas didáticas

Ante a exposição do material e dos cursos do CMSP, examinemos suas perspectivas didáticas a partir dos seguintes eixos:

#### A) História da filosofia, contextualização e interdisciplinaridade

Tanto o curso quanto o material didático parecem seguir a alternativa de se tomar a história da filosofia como *referencial* do currículo, ou seja, consoante delineado por Silva (1986), em uma abordagem que busca propiciar referenciais significativos dos assuntos tratados em aula, com certa liberdade de escolha de autores e tópicos, sem a preocupação em manter coesão sistêmica ou em obedecer a cronologias.<sup>15</sup> Assim, não apresentam caráter *conteudista* (isto é, com foco na simples transmissão dos conteúdos historicamente produzidos), cuidando mais de fomentar discussões que despertem o interesse do(a)s aluno(a)s em refletir sobre os temas propostos – ainda que de forma limitada, tendo em vista os meios remotos –, e explorando os conceitos filosóficos como maneira de fornecer-lhes subsídios para tanto. Nesse sentido, a professora Tânia Gonçalves menciona que o curso visa ampliar o repertório do(a) aluno(a) mediante o desenvolvimento da atitude filosófica.

---

<sup>15</sup> À diferença do que ocorre, por exemplo, no curso remoto da SEDUC do Paraná, que considera a história da filosofia como centro do currículo, e sistemas e autores(as) são estudados segundo a cronologia em que se sucederam, mostrando-se o desenvolvimento das questões filosóficas ao longo do tempo. As aulas deste curso estão disponíveis em: <[http://www.aulaparana.pr.gov.br/filosofia\\_3ano](http://www.aulaparana.pr.gov.br/filosofia_3ano)>.

Segundo Silva (1986), a estratégia de se trabalhar a história da filosofia enquanto referencial apresenta a vantagem de atrair a atenção do(a) aluno(a) pela atualidade das questões-problema a serem abordadas e pela diversidade das soluções filosóficas surgidas em torno delas, conferindo maior dinamismo aos encontros – abertos à participação e a um maior envolvimento nos debates –, que não se limitam à exposição unilateral por parte do(a) docente. Por outro lado, existe o risco de se perder o contexto e as especificidades da lógica interna que envolve o pensamento de cada autor(a), recaindo-se na prática do “livre-pensar” que carece de rigor.

A fim de evitar que isso ocorra, Silva (1986) assevera que o trabalho com o material didático no ensino da Filosofia deve proceder segundo dois critérios: de *contextualização*, mediante a inserção do tópico visto em aula no quadro mais geral da história da filosofia, a partir de livros de história da Filosofia ou manuais de Filosofia; e de *precisão*, a ser observado na tarefa de leitura do texto filosófico propriamente dito, que, apesar de sua exigência e aridez, deve ser incluído nos estudos do(a) aluno(a) a fim de que se adquira uma compreensão razoavelmente precisa dos temas e autores(as).

No caso do CMSP, verifica-se o esforço em delinear o quadro histórico em que dada filosofia ou autor(a) abordado se desenvolveu, e, sempre que cabível, o(a) professor(a) atenta o(a) aluno(a) para a interdisciplinaridade dos assuntos discutidos em aula,<sup>16</sup> como feito pela professora Maria Fernanda Degan ao apresentar o conceito de desigualdade sob distintos vieses, inclusive recorrendo à explicação de indicadores sociais. Tais estratégias de contextualização ajudam a situar o(a) estudante nas discussões filosóficas, para que não se perca em conceitos por vezes muito descolados dos referenciais que possui.

Contudo, trata-se de trabalho sucinto e não exatamente focado no viés de história da filosofia que se avalia como crucial em um curso da disciplina, segundo Silva (1986). Nas aulas, são poucas as proposições de

---

<sup>16</sup> O que é facilitado quando o(a) mediador(a) é professor(a) de outra matéria, podendo comentar o tópico sob a perspectiva de sua área do conhecimento, reforçando assunto possivelmente já visto em seu próprio curso – como ocorre na segunda aula relatada, em que a mediadora (professora de artes) instrui o debate com exemplos do campo da arte.

leitura de textos filosóficos – seja acompanhada pelo(a) docente, seja como tarefa individual do(a) aluno(a) –, ainda que a professora Tânia Gonçalves enfatize a sua importância, valendo-se da ideia de *leitura filosófica* como um diálogo com o texto, nos termos preconizados por Lyotard.<sup>17</sup>

Sobre a questão da contextualização no ensino da filosofia, Porta (2011) considera que, para a compreensão de um problema filosófico, imprescindível é a sua reconstrução sob duas dimensões que se complementam: a reconstrução racional, que procura restituir a inteligibilidade da pergunta filosófica a partir de seus pressupostos específicos e do entrelaçamento lógico entre os mesmos; e a reconstrução histórica, que busca o resgate da racionalidade do pensamento específico do qual o problema emergiu no passado, de modo a torná-lo compreensível aos leitores contemporâneos. A historicidade a que este autor se refere não deve, portanto, remeter aos contextos social, político, econômico ou cultural da época, os quais constituiriam fatores externos e incomensuráveis em relação ao pensamento filosófico sob estudo – e cuja consideração configuraria um “epoquismo genérico”, em que persistiria a incompreensibilidade.

Em certo grau, poder-se-ia afirmar que os cursos do CMSP padecem desta fragilidade, uma vez que o esforço de contextualização histórica neles observado focaliza mais considerações externas ao pensamento filosófico a ser investigado, e não especificamente os pressupostos de racionalidade que então vigoravam quando de sua emergência. Dessa maneira, a advertência de Porta no que tange à imprescindibilidade da dupla reconstrução – racional e histórica – das perguntas e questões filosóficas poderia contribuir para o enriquecimento do trabalho da história da filosofia realizado pelo(a)s docentes do CMSP e da rede.

Entretanto, não se pode perder de vista a escassez do tempo de aula, que agrava o distanciamento do texto filosófico, dificultando a compreensão da ancoragem de cada pensamento em dado sistema ou conjunto de

---

<sup>17</sup> Isto é, a leitura filosófica enquanto atividade que proporciona o reexame dos pressupostos e subentendidos do texto, aproximando-se de um exercício de escuta e de paciência que procura o que nele permanece ainda impensado – dessa maneira, um diálogo com o texto (Lyotard, 1993).

pressupostos. Essas dificuldades acabam por limitar a densidade do curso do CMSP no tange à *especificidade da disciplina filosófica*, que pode ser facilmente eludida quando se tomam sistemas e autores(as) como simples ilustrações de um tema (Silva, 1986).

Trata-se do mesmo risco que Gallo (2006) aponta na adoção do discurso pedagógico das competências e habilidades, pois, apesar de mais moderno do que o conteudismo – ao qual se contrapõe –, se esta perspectiva toma por objetivo central do ensino filosófico o desenvolvimento de capacidades para a leitura de textos, a articulação dos saberes, ou as demais competências previstas nos PCN, é possível que observemos um processo de “desfilosofizar” do curso de Filosofia, pela perda de seu conteúdo específico. A propósito, este autor também revela certa desconfiança no que tange à ideia contida nos PCN de que uma das funções do ensino de Filosofia seria a de garantir a interlocução entre as várias disciplinas, pois, em sua visão, o diálogo interdisciplinar deve ser experimentado em todos os campos do saber, assim como o desenvolvimento do “espírito crítico”, função também comumente atribuída à Filosofia (Gallo, 2006).

Dessa maneira, caberia aos professores(as) do CMSP e da rede o balizamento das orientações curriculares oficiais de forma a permitir que as perspectivas pedagógicas do trabalho em sala transcendam a instrumentalização do ensino da Filosofia enquanto mera disciplina que viabiliza certas competências e habilidades – por exemplo, a promoção da interdisciplinaridade, da criticidade, e a formação para a cidadania (esta prevista na LDBN) –, preservando a sua autonomia e propriedade de “fim em si mesma”.

## B) Sequências didáticas

Zabala (1998) enxerga no recurso a uma multiplicidade de atividades didáticas a possibilidade de promover aprendizagens mais significativas, ainda que não se descarte a validade de métodos menos diversificados, como as tradicionais aulas expositivas. Isso porque a escolha das sequências

de aprendizagem deve idealmente se adequar ao objetivo do(a) docente, à idade e à série escolar do(a)s alunos, dentre outros fatores, não havendo uma “fórmula” válida para todos os casos. Visando uma proposta que incentive a participação e o envolvimento do(a) estudante, as sequências didáticas devem favorecer o conhecimento do(a) docente sobre as particularidades de cada aluno(a) – que contribui nas aulas com seu interesse, disponibilidade, conhecimentos prévios e experiência própria, tornando a aprendizagem uma construção pessoal. Assim, segundo o autor, o(a) professor pode adaptar sua atuação no processo educativo, identificando questões e dificuldades e propondo novas ou diferentes abordagens que colaborem para o desenvolvimento das competências e da autonomia do(a) aluno(a).

No curso em tela, a aferição destas particularidades encontra barreira na ausência de contato consistente do(a) docente do CMSP com o(a)s aluno(a)s, sendo em parte contornada pela tutoria exercida pelo(a)s professores(as) da rede, que mantêm uma relação mais próxima com o(a)s estudantes, e administram a prescrição dos tipos e frequência de atividades didáticas a serem realizadas. Porém, essa tarefa de modulação se afigura muito mais dificultosa em condições de trabalho remoto, o que aprofunda os problemas que o(a) professor(a) da rede já enfrentava com turmas muito numerosas (antes presenciais), sem infraestrutura nem apoio institucional para o cumprimento de expedientes, prazos, ensino à capacitação, etc.

Mesmo diante dessas dificuldades, as aulas do CMSP procuram seguir certa sequência ordenada de atividades que se aproxima daquela preconizada por Gallo (2006) para o trabalho de uma “oficina de conceitos” – entendida como um processo criativo e experimental do pensamento, a ser composta pelas seguintes etapas:

1. *Sensibilização*: em que se busca despertar o interesse do(a) estudante pelas questões filosóficas a partir de um elemento não filosófico;

2. *Problematização*: transformação do tema em problema sob diversos aspectos, suscitando no(a) aluno(a) o desejo de buscar soluções;

3. *Investigação*: pesquisa dos conceitos auferidos do estudo da história da filosofia que forneçam ferramentas para refletir sobre o problema;

4. *Conceituação*: por último, o movimento filosófico propriamente dito, ou seja, a tarefa de recriar os conceitos encontrados na etapa de investigação, deslocando-os para o nosso contexto, ou mesmo de criar novos, caso aqueles encontrados não deem conta do problema posto.

No cursos sob análise, tais etapas são desenvolvidas de modo sincrônico, não necessariamente seguindo a ordem sugerida – o que não significa inadequação, visto se tratarem de esquemas didáticos, adaptáveis e modificáveis conforme as particularidades de cada grupo (quando possível). O(a)s professores(as) do CMSP fazem constante uso da estratégia de *sensibilização* ao perguntarem a opinião ou a experiência pessoal do(a) estudante e ao comentarem junto ao(à) mediador(a) sobre as interações recebidas no chat, ainda sem um olhar rigoroso sobre a “adequação conceitual” do que está sendo dito. A etapa de *problematização* é também bastante explorada no curso e no material didático mediante a proposição de atividades de reflexão e de pesquisa sobre as razões – históricas, conceituais, culturais, filosóficas, sociológicas – pelas quais uma questão é pensada de determinada maneira, além de inquirições sobre as ideias do senso comum. Nessas etapas iniciais, há esforço para que professores(as) e aluno(a)s trabalhem coletivamente, nas condições possibilitadas pelo chat.

Quanto às duas últimas etapas do esquema de Gallo, não se verifica que o curso as procure desenvolver na medida do observado em relação às etapas iniciais. Caso este seja um propósito, na etapa de *investigação* seria recomendável dedicar maior tempo e atenção para o estudo e aprofundamento de conceitos, sob pena de o curso carecer de densidade filosófica, quando se tomam sistemas e autores(as) como simples ilustrações de um tema (Silva, 1986), ou de ele se “desfilosofizar” pela perda do conteúdo específico (Gallo, 2006). A etapa de *conceituação* raramente é concretizada em aula, sendo necessário, porém, reconhecer a extrema dificuldade de proporcionar o “movimento filosófico propriamente dito” nas condições reais de trabalho do(a)s professores(as) do CMSP, a saber, durante um encontro remoto com duração inferior a uma hora, transmitido para milhares de aluno(a)s simultaneamente.

Não obstante, a recriação e criação de conceitos podem ser exercidas a partir de atividades formativas prescritas como tarefa de casa, sob a orientação do(a) professor(a) da rede. Um exemplo dessa alternativa foi visto na quarta aula relatada, em que a professora propôs uma “reedição” do concurso da Academia de Dijon, de modo que o(a) aluno(a) escrevesse seu próprio discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens.

### C) Estratégias de envolvimento e orientação

O material didático e as aulas do curso visam a articulação entre “Filosofia e vida”, à semelhança da proposta de Aspís e Gallo (2009), que sustentam a ideia de que esta disciplina deve ser abordada em estreita relação com a vida e os problemas que nos incomodam – daí o trabalho de “oficina filosófica” em que se transformariam as aulas, mediante a participação do(a)s aluno(a)s na recriação de conceitos que respondam às questões levantadas. Algumas das táticas de ensino sugeridas por estes autores parecem encontrar aplicação nas práticas observadas nos cursos do CMSP, a seguir comentadas.

Tomando por objetivo o desenvolvimento do pensamento filosófico autônomo, crítico e criativo do(a)s aluno(a)s, ambos ressaltam a importância de o(a) docente evitar expor suas próprias concepções, de modo impositivo, ao mesmo tempo em que deve indagar o(a)s estudantes sobre o fundamento das convicções que ele(a)s expressam – cuidando de apontar eventuais correções conceituais, mas deixando-o(a)s à vontade para que tracem raciocínios e relações de ideias por si mesmo(a)s, ainda que constituídos de senso comum ou preconceitos (Aspís; Gallo, 2009). Seguindo essa linha, há momentos do curso em que o(a) professor(a) procura assumir certa postura de “vestir a camisa” do tema apresentado, com o intuito de incentivar o(a) aluno a estabelecer os próprios juízos a respeito das questões suscitadas.

E, durante as fases de sensibilização e de problematização, é indispensável que o(a) aluno(a) se sinta instigado(a) pelo tema e estimulado(a) a prosseguir no debate – condição que é perseguida pelo(a)s

docentes e mediadores(as) do CMSP, que constantemente perguntam pela opinião ou experiência pessoal do(a) estudante no chat do aplicativo, esforçando-se em acolher as posições expressadas, inclusive aquelas que, em outro registro, seriam rechaçadas por carecerem de rigor conceitual. Essa dinâmica se mostra capaz de fomentar a criação de certo vínculo afetivo recíproco, mesmo a distância: por um lado, o(a)s professores(as) do CMSP abordam com empatia todas as participações nas atividades, e, por outro, há ocasiões em que relatam demonstrações de afeto do(a)s estudantes em relação a eles(as), docentes.

Segundo Aspis e Gallo (2009), ainda que nessas fases iniciais do processo pedagógico não haja preocupação específica de rigor conceitual, faz-se necessário o estabelecimento de balizas para que a discussão em sala não se torne uma conversa demasiado informal e desorganizada. Para tanto, a intervenção orientadora do(a) docente se mostra como uma tática necessária para conduzir o diálogo entre o(a)s estudantes, a ser exercida por meio de perguntas e questionamentos que corrijam os rumos da investigação, quando preciso – à maneira de um maestro de orquestra, capaz de guiar a classe segundo uma lógica coletiva.

Essa atuação do(a) professor(a) não é tão facilmente observável no curso do CMSP, uma vez que as interações ocorrem por meio exclusivamente remoto, mas é possível afirmar que a mediação do chat procura espelhar a tática: por exemplo, quando o(a) docente ressalta certo tipo de participação do(a)s aluno(a)s, elogiando-a, de modo a estimular o debate a seguir nesse caminho, ou quando lhes responde com outra pergunta, orientando o raciocínio para rumos diversos. Também houve certo momento do curso em que a professora/mediadora solicita do(a)s estudantes respeito ao “código de ética” do chat, afirmando a existência de regras para o diálogo investigativo ali viabilizado.

Por outro lado, nenhuma interação frontalmente divergente ou de teor mais “combativo” é exposta pela mediação (filtragem possibilitada em meios virtuais, e irreproduzível no contato presencial), embora se presuma que ocorram – o que pode conferir certa artificialidade ao debate observado.

De qualquer modo, a quantidade e propriedade das interações reportadas pelo(a)s professores(as) indicam que o curso logra despertar o interesse do(a)s aluno(a)s.

#### D) Proposta filosófica

Cabe ainda tecer algumas considerações sobre a proposta filosófica observada no curso do CMSP. Nesse sentido, vale destacar parte da primeira aula relatada, sobre o tema da atitude filosófica, em que a professora Tânia Gonçalves apresenta imagens especulares e seus possíveis significados. É que este proceder nos remete à segunda nota sobre o ensino de Filosofia de Celso Favaretto (1998), em que o autor afirma que a escolha de um programa requer do professor a “determinação clara da imagem de Filosofia que ele visa efetivar com os alunos”.

No caso, a partir de recurso literal (figuras de espelhos), a docente procurou introduzir o(a) aluno(a) ao modo de reflexão crítica da Filosofia junto às características dessa espécie de atitude – radical, rigorosa e contextualizada.<sup>18</sup> Uma tal determinação da imagem de Filosofia dirigida pelo(a) professor(a) ao(à) aluno(a), segundo Favaretto (1998), seria tarefa primordial e mesmo anterior ao recorte dos temas a serem trabalhados em sala, pois é o que asseguraria a sua entrada nos procedimentos filosóficos.

Por outro lado, conforme mencionado a respeito das estratégias de envolvimento, uma característica relevante das aulas do CMSP e do material didático é a preocupação em integrar os conteúdos filosóficos ao cotidiano do(a) aluno(a) e às questões pungentes da sociedade. A existência de um canal que permite a comunicação durante a transmissão das aulas é parte importante do curso do CMSP (distinguindo-o de outros cursos remotos observados, como o da SEDUC do Paraná), pois, a despeito do caráter limitado da interação viabilizada pelo chat, nota-se a diferença que este

---

<sup>18</sup> De modo semelhante, o professor Marconi citou a definição de filosofia por Marilena Chaui buscando familiarizar o(a) aluno(a) à ideia da fundamentação como elemento essencial da linguagem filosófica.

elemento traz à dinâmica das aulas, mais envolvente aos(às) estudantes, que se veem na oportunidade de terem suas considerações contempladas.

Segundo Rodrigo Torquato da Silva (2012), o cuidado em endereçar a vida e as questões concretas do(a) aluno(a) e o incentivo à sua participação nas discussões abrem oportunidades para uma maior compreensão e aproximação das “lógicas de construção e uso dos saberes” de que as escolas costumam carecer. Este autor enfatiza a necessidade de se considerar o conhecimento oriundo das ruas, o que também pode ser pensado a partir da demanda por reflexão crítica sobre temas sensíveis como o da desigualdade social, racismo, bullying, além de tópicos mais triviais porém presentes na vida do(a)s jovens e passíveis de extensa problematização, a exemplo do uso de redes sociais, visto no material didático.

Esse tipo de abordagem, todavia, poderia ser notado com ressalvas por Favaretto (1998), que aponta a fragilidade do que denomina de “mito da *atividade*”, o qual se manifestaria em certas práticas de ensino excessivamente voltadas às experiências e vivências do(a)s aluno(a)s. Segundo esse autor, os resultados frequentes de uma posição “criticamente apressada”<sup>19</sup> que postula a *atividade* como núcleo do ensino filosófico seriam o espontaneísmo e o empirismo grosseiro.

### Considerações finais

Ao longo da presente investigação, verificamos que, embora possibilitados pelo uso das TIC, os cursos oferecidos pelo CMSP não devem ser considerados como EaD – conforme a própria SEDUC esclarece em suas orientações. Tratando-se de solução temporária adotada durante o contexto pandêmico, podem ter um enquadramento mais adequado na categoria de ensino remoto emergencial, cuja implementação – na medida em que eivada

---

<sup>19</sup> Segundo o autor, tal posição estaria relacionada às tentativas de solucionar os problemas das pedagogias ilustradas que privilegiam o saber institucional, típicas da educação burguesa.

de precariedade – não deixa de suscitar diversos (e justificados) tensionamentos na comunidade escolar.

Não obstante, ainda que se considere que os cursos sob análise cuidam mais de transpor técnicas do ensino presencial ao contexto remoto, há grande pertinência em avaliar de que forma isto é realizado, uma vez que o escopo do CMSP é também o de capacitação para o uso dos Cadernos do SP Faz Escola, a servir, portanto, de subsídio permanente para a atuação do(a)s docentes da rede em suas atividades presenciais, remotas e híbridas.

Ao procedermos à análise do material didático e aulas, foi possível verificar a sua inspiração em metodologias e estratégias de ensino que representam importante referencial na área de didática e docência em Filosofia no Brasil. Além disso, foram indicadas algumas fragilidades e inconsistências na consecução dos propósitos do curso – propósitos estes relacionados às competências e habilidades em Filosofia constantes dos PCN, bem como às proposições realizadas pelo(a)s próprio(a)s docentes do centro durante o curso (por exemplo, a valorização da leitura filosófica) –, e, quando possível, traçadas sugestões para sua mitigação.

As principais dificuldades observadas estão de certa forma relacionadas ao escasso tempo de aula e à natureza restrita da interação entre docentes e discentes, resumida ao chat do aplicativo – funcionalidade que, ainda assim, representa um significativo diferencial em relação a cursos remotos emergenciais oferecidos por SEDUCs de outros Estados. Evidentemente, as condições em que operam os cursos do CMSP não propiciam o desenvolvimento de discussões filosóficas mais significativas e robustas, comprometendo a “densidade filosófica” do curso – sendo, portanto, dificultoso sugerir estratégias alternativas sem antes se debruçar sobre os fatores que tornam o contexto geral desfavorável ao “filosofar”. Tais circunstâncias, no entanto, não excluíam a pertinência dos apontamentos realizados sobre a escassez de leitura de textos propriamente filosóficos, a importância do trabalho rigoroso de história da filosofia e o perigo da perda de seu conteúdo específico decorrente do excesso de ênfase na interdisciplinaridade dos temas e em vivências pessoais.

De todo modo, considerando a atual esfera pública salteada por discursos abertamente contrários à garantia dos direitos fundamentais, a influência dos movimentos que defendem uma “escola sem partido” e o franco retrocesso de valores democráticos, há que se reconhecer a iniciativa arrojada do(a)s professores(as) do CMSP, que – em uma plataforma da rede pública estadual, de acesso aberto e visibilidade permanente – não se furtam de tratar de temas polêmicos como as teorias de gênero, feminismos, interseccionalidade, racismo e políticas antidiscriminatórias.<sup>20</sup> É ao menos alentador que no curso em tela se observe o delineamento de uma proposta filosófica que – longe de se assemelhar a uma “feira de antiguidades” – procura contribuir para a elaboração filosófica de demandas prementes da sociedade, respondendo a questões de relevante significado para o(a)s estudantes.

### Referências

ARRUDA, Eucídio Pimenta. EDUCAÇÃO REMOTA EMERGENCIAL: Elementos Para políticas Públicas Na educação Brasileira Em Tempos De Covid-19. *EmRede - Revista De Educação a Distância*, v. 7, n. 1, pp. 257-75, mai. 2020. Disponível em: <<https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

ASPIS, Renata Lima; GALLO, Silvio. *Ensinar Filosofia: um livro para professores*. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. *Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância*. Brasília, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2020.

---

<sup>20</sup> Chegando mesmo a aventar o questionamento da legitimidade da propriedade privada, conforme visto na quarta aula relatada.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*. Conhecimentos de Filosofia. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASSUNDÉ, Fernanda Roda de Souza Araújo; MENDONÇA, José Ricardo Costa de; BARBOSA, Milka Alves Correia. A influência das condições institucionais no desenvolvimento de competências eletrônicas dos professores para o ensino na EAD: proposição de um modelo analítico. *Avaliação*, Campinas [Online], v. 22, n. 2, pp. 469-493, ago. 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-40772017000200469&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772017000200469&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 22 out. 2020.

FAVARETTO, Celso. Notas sobre o ensino de filosofia. In: ARANTES, Paulo Eduardo et al (Org.). *A filosofia e seu ensino*. São Paulo: Vozes/Educ, 1995, pp. 77-85.

GALLO, Sílvio. *A Filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade*. *Ethica*, v. 13, n. 1, 2006, p. 17 – 35.

JOYE, Cassandra Ribeiro; MOREIRA, Marília Maia; ROCHA, Sinara Socorro Duarte. Educação a Distância ou Atividade Educacional Remota Emergencial: em busca do elo perdido da educação escolar em tempos de COVID-19. *Research, Society and Development* [Online], v. 9, n. 7, mai. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4299>>. Acesso em: 14 jan. 2020.

LYOTARD, Jean-François. Mensagem a propósito do curso filosófico. In: LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno explicado às crianças*. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1993, pp. 117-126.

PORTA, Mario Ariel González. Filosofia e História da Filosofia: uma reflexão sobre as relações de texto e contexto. *Cognitio-Estudos*. São Paulo [Online], v. 8, n. 2, pp. 141-148, jul-dez. 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitio/article/view/9924>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado da Educação. *SP Faz Escola: Caderno do Aluno*. [cadernos referentes às 1ª, 2ª e 3ª séries EM, dos 1º, 2º e 3º bimestres]. São Paulo: SEDUC-SP, 2020.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado da Educação. Centro de Mídias da Educação de São Paulo. [Site institucional]. *Materiais de orientação - Documentos e Informativos*. “Documento Orientador - Atividades escolares não presenciais” (Maio de 2020). 2020a. Disponível em: <<https://centrodemidiasp.educacao.sp.gov.br/downloads/documento-orientador-atividades-escolares-nao-presenciais.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2020.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado da Educação. Centro de Mídias da Educação de São Paulo. [Site institucional]. *O que é o CMSP*. 2020b. Disponível em: <<https://centrodemidiasp.educacao.sp.gov.br/o-que-e-o-centro-de-midias/>>. Acesso em: 16 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado da Educação. Centro de Mídias da Educação de São Paulo. [Site institucional]. *Notícias*. 3 abr. 2020. “Governo de SP lança aulas em tempo real por TV aberta e celular aos 3,5 milhões de estudantes da rede estadual.” Disponível em: <<https://centrodemidiasp.educacao.sp.gov.br/governo-de-sp-lanca-aulas-em-tempo-real-por-tv-aberta-e-celular-aos-35-milhoes-de-estudantes-da-rede-estadual/>>. Acesso em: 14 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado da Educação. Centro de Mídias da Educação de São Paulo. [Site institucional]. *Repositório das aulas*. Disponível em: <<https://repositorio.educacao.sp.gov.br/#!/inicio>>. Acesso em: 15 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado da Educação. Centro de Mídias da Educação de São Paulo. [Canal do Youtube]. *06/05 - 1ª série EM - Filosofia - Imagens da Filosofia*. [vídeo-aula]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bCp7W1BSxa0&t=208s>>. Acesso em: 16 out. 2020.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado da Educação. Centro de Mídias da Educação de São Paulo. [Canal do Youtube]. *21/05 - 1ª série EM - Filosofia - A Atitude Filosófica*. [vídeo-aula]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=urpnW1mfvxI>>. Acesso em: 16 out. 2020.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado da Educação. Centro de Mídias da Educação de São Paulo. [Canal do Youtube]. *18/06 - 1ª série EM - Filosofia - Formas de*

*conhecimento: mito, ciência e religião.* [vídeo-aula]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P29TpvPNno>>. Acesso em: 16 out. 2020.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado da Educação. Centro de Mídias da Educação de São Paulo. [Canal do Youtube]. *09/07 - 3ª série EM - Filosofia - Desigualdade: Desafio político.* [vídeo-aula]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=63Cvvh8mKM>>. Acesso em: 16 out. 2020.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado da Educação. Centro de Mídias da Educação de São Paulo. [Canal do Youtube]. *06/08 - 2ª série EM - Filosofia - Dignidade e reconhecimento.* [vídeo-aula]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZXiashXvlg>>. Acesso em: 16 out. 2020.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado da Educação. São Paulo Faz Escola. [Site institucional]. 2020. Disponível em: <<https://www.educacao.sp.gov.br/sao-paulo-faz-escola>>. Acesso em: 16 out. 2020.

SILVA, Franklin Leopoldo e. História da Filosofia: centro ou referencial?. In: NIELSEN NETO, Henrique (Org.), *O Ensino da Filosofia no 2º grau*. São Paulo: SEAF/Sofia, 1986, pp. 153-162.

SILVA, Rodrigo Torquato da. Escola-favela, conhecimentos, transgressão e poder: esses meninos não têm jeito?. *Revista de Educação PUC-Campinas*, [S.l.], n. 27, abr. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/view/73>>. Acesso em: 12 out. 2020.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

*Submetido em: 30/10/2020*

*Aceito em: 30/04/2021*

*Publicado em: 12/05/2021*